



Conversa entre os clássicos: Modernidade, Modernização e globalização.

Conversation among the classics: modernity, modernization and globalization.

Ricardo Lima da Silva – Mestrando pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas e membro do grupo de pesquisa Sociedade e Trabalho na Amazônia.

E-mail: ricardoslovith@gmail.com.

Resumo

Este artigo tem como intenção fazer uma discussão sobre o processo de globalização a partir do olhar dos clássicos da sociologia, Max Weber, Emile Durkheim e Karl Marx. Procuramos mostrar o que estes pensadores do mundo moderno tem a dizer sobre o processo de modernização e globalização. Mostraremos as aproximações e distanciamentos entre estes autores no que concerne ao tema selecionado e a seguir faremos nossas conclusões.

Abstract

This article is intended to make a discussion on the process of globalization from the look of the classics of sociology, Max Weber, Emile Durkheim and Karl Marx. We try to show what these thinkers of the modern world has to say about the process of modernization and globalization. Show the similarities and differences between these authors regarding the selected topic and then we will make our conclusions.

Palavras-chave:

Pensamento sociológico, modernidade; Modernização, globalização

Keywords:

Sociological thought, modernity; modernization, globalization.

INTRODUÇÃO

Tornou-se comum dizer que vivemos numa época moderna, diferente de todos os outros períodos históricos anteriores, que suas conseqüências são a mudança dramática do mundo a nossa volta e de tudo o que acreditamos e de tudo o que somos. Mas quais são os pressupostos estruturais deste estágio da história? Quais os valores que subjazem o nosso tempo? O que faz com que ele seja tão dramático, acarretando em nós um sentimento de insegurança sobre o presente e sobre o futuro? O que é esse sentimento de perda de controle sobre tudo a nossa volta? Quais as implicações sociais que a modernidade trouxe para os homens e mulheres envoltos em suas teias? O que faz com que a modernidade e, por conseguinte, o próprio processo de globalização de um modo de produção, de um estilo de vida e de uma nova solidariedade social pode impor aos indivíduos e sociedades que nasceram sob os auspícios desta época?

Pode-se dizer que a modernidade é um estilo de vida, um fato social total que abarca de maneira totalitária todas as relações e todo mundo a nossa volta, cujos princípios estruturais emergiram com o desmoronamento do mundo feudal e a emergência de novos significantes sociais a partir do século XVI (BERMAN, 2007). Ela foi fruto de uma série de combinações históricas da sociedade europeia/ocidental. A modernidade é subjacente ao sistema capitalista de produção e, mesmo em seus primórdios, ela já trazia em seu bojo seu caráter expansionista e agregador. A modernidade é um eterno *vir-a-ser* que já trás consigo a globalização. Modernidade e globalização são inerentes. Esta é uma faceta daquela. Não se pode falar em modernização sem mencionar o processo de agregação, articulação, interdependência e equacionamento do mundo num grande ente histórico, num grande espaço de lutas no qual se defrontam forças, ou vontades de potências, na forma de nações, povos, etnias, forças econômicas, corporações transnacionais e indivíduos. Modernizar é globalizar, globalizar é tornar-se um inexorável *vir-a-ser*. Os homens, enquanto sujeitos históricos imersos em dadas sociedades dotadas de contradições insolúveis, criaram a modernidade, o capitalismo racional, a racionalização e burocratização do mundo. Eram as promessas advindas da emergência do iluminismo, do aparecimento de um novo modo de produção que prometiam libertar o homem das limitações do mundo feudal, da superstição e dar-lhes uma nova liberdade. Os homens não mais teriam que se curvar a superstição e a tirania; livres das amarras que os aterrorizavam, os suprimiam e os limitavam, poderiam desenvolver em toda plenitude sua subjetividade. Um novo tempo finalmente tinha começado. Contudo, a

suposta liberdade advogada pela modernidade já trazia consigo o seu contrário, sua contradição. Ela metamorfoseou-se numa nova forma de dominação. Fomos jogados num processo inexorável de expansão contínua de todas as estruturas da sociedade contemporânea, a busca por mais conhecimento, mais lucro e mais racionalização tornou-nos prisioneiros de nossas próprias criaturas. O bruxo virou-se contra o feiticeiro; nós, tentando ser deuses, criadores e manipuladores de nosso próprio destino, fomos apunhalados pelos seres que criamos. Mais ainda, estes seres se transformaram em verdadeiros monstros. Assim como no romance de Mary Shelley, em que o demônio criado pelo Dr. Frankenstein volta-se contra ele para se vingar, a modernidade viga-se de nós e torna-se numa nova grade de ferro, novos grilhões que passam a submeter a humanidade agora em escala global, total e implacável. È como se tivéssemos criado um carro e dado a partida. Agora o carro ganhou vida própria, começou a acelerar indefinidamente a revelia de nossos clamores para tentar retomar o controle, diminuir sua velocidade ou controlar o seu itinerário.

A sociologia, enquanto empreendimento intelectual e científico, nasceu junto com as transformações sociais acarretadas pela emergência do capitalismo como um modo de produção hegemônico, cujos desdobramentos foram o industrialismo, o modo de vida racional que desencantava todas as relações sociais e a expansão do modo de vida burguês que tornou-se endêmico por todo o mundo. A sociologia, portanto, é uma ciência que, desde os seus primórdios, esteve extremamente preocupada com os pressupostos estruturais e as conseqüências do processo de modernização sobre as comunidades humanas. Sejam em análises que enfatizam o industrialismo, seja em induções que dão maior tônica ao caráter racional das ações humanas em condições de modernidade ou em análises sistêmicas sobre o capital, os clássicos da ciência social sempre capturaram, a partir de diferentes perspectivas, este processo de modernização/modernizante. A sociologia é a arte de interpretar a mundo moderno.

Os três grandes clássicos da sociologia, Karl Heinrich Marx, Émile Durkheim e Max Weber, se propuseram, ao longo de sua vida, em analisar as conseqüências da modernidade sobre o seu mundo — que veio a tornar-se o *nosso* mundo. Hoje, mesmo passados tantos decênios após as mortes destes autores, eles ainda oferecem importantes chaves interpretativas para a compreensão da modernidade e da globalização e da própria subjetividade da nossa época. Justamente por serem clássicos, oferecem uma contribuição singular ao pensamento sociológico e unificam um campo discursivo teórico. É preciso sempre recorrer aos clássicos, relendo-os e redescobrimo-los. Eles oferecem um ponto de densidade sociológica latente de onde é possível extrair as mais poderosas análises a cerca do mundo moderno.

Este artigo se propõe a expor quais as contribuições que os autores clássicos da sociologia tem a dizer sobre o processo de globalização do mundo — e de forma colateral também a própria modernidade. Procurei apresentar os aspectos mais relevantes de seus pensamentos que podem ajudar o sociólogo ou o estudante de ciências humanas em geral compreender os escopos do vir a ser histórico do mundo. Embora estes autores não tenham escrito de maneira mais direta a cerca do fenômeno da globalização, é possível, por sua própria condição de clássicos inferir, a partir de seus ricos legados teóricos, importantes insights a cerca do fenômeno da globalização e da modernidade.

Durkheim e a nova solidariedade mundial

Considerado um dos heróis fundadores da sociologia, Emile Durkheim (1858-1917) nos legou um invejável esforço intelectual que sistematiza, dentro de sólidas bases teóricas, a sociologia enquanto uma ciência autônoma.

Formado em filosofia e grande estudioso do positivismo de Auguste Comte, era extremamente atento às dramáticas mudanças que ocorriam na sociedade europeia de seu tempo. Era uma época de grandes tensões sociais. O industrialismo se radicalizava, os últimos baluartes do antigo regime se desfaziam e novos atores sociais emergiam na sociedade capitalista. Durkheim interessava-se em saber como, mesmo diante de tantas e dramáticas mudanças que solapavam os pilares da sociedade, os homens ainda viviam em comunhão. Pretendia saber o que mantinha os homens em coesão. Qual o substrato que tornava a vida dos homens tão suportável? Por que eles seguiam regras coletivamente impostas? Por que se dobravam diante da sociedade? Qual o escopo desse grande leviatã chamado sociedade? Estas foram as perguntas fundamentais que perseguiram a imaginação sociológica de Durkheim.

Considerado um continuador de Auguste Comte, o autor de *As Regras do Método Sociológico* não apenas lançou mão do positivismo de seu mestre francês, mas melhorou-o e coadunou-o com outras influências, como o socialismo utópico de século XIX e uma poderosa base filosófica — Durkheim era formado em filosofia pela Escola Normal Superior de Paris.

Mas como compreender o processo de globalização num autor que se preocupou basicamente com os fenômenos do Fato Social, da solidariedade mecânica e orgânica e com os estudos das religiões primitivas?

Embora Durkheim não tenha escrito de maneira direta sobre o processo de globalização, a preocupação a respeito das consequências da modernidade sobre a sociedade francesa permeia toda a sua obra. Lembremo-nos de quê para o autor a sociologia não era apenas um empreendimento científico, mas também uma poderosa ferramenta capaz de diagnosticar as anomias que assolavam a sociedade de seu tempo e, mediante uma necropsia meticulosa da parte infectada do mundo social, aplicar um antídoto apropriado — sua obra está eivada das questões sobre as consequências da modernidade e como poder mitiga-las a favor do bem comum.

É possível compreender a globalização a partir de Durkheim como um processo onde as sociedades de solidariedade orgânica, de divisão do trabalho mais complexa, começam a englobar as sociedades de solidariedade mecânica, de divisão social do trabalho mais simples (FERNANDES, 2006). O derivativo colateral desse processo seria a criação, em nível global, de uma nova solidariedade do trabalho em nível mundial. Assim, as sociedades mais simples seriam constantemente modificadas em suas engrenagens sociais, transfiguradas em seus órgãos e adaptadas aos imperativos das sociedades complexas e alocadas como mais uma engrenagem do monstruoso organismo chamado divisão internacional do trabalho.

Mas quais são os mecanismos típicos das sociedades de solidariedade mecânica e orgânica? Para Durkheim, as sociedades simples eram caracterizadas como tendo uma divisão do trabalho pouco heterogênea. Os indivíduos poucos se diferenciam entre si. Suas atividades não necessitam de muita especialização e qualquer membro do grupo pode exercê-las. A sincronia entre eles assemelha-se como as engrenagens de um relógio. Nessa etapa os indivíduos estão ligados ao organismo social sem quaisquer intermediários. Por isso que as infrações exercidas pelos indivíduos são prontamente punidas com penas graves, como açoites, mutilações ou a morte. Eles não possuem uma individualidade desenvolvida o suficiente para reclamar “diretos inalienáveis”, pois eles não pertencem a si mesmos, eles pertence à sociedade. Conforme a produção material dessa sociedade vai ganhando densidade e os laços que unem os homens se multiplicam intensiva e extensivamente, a solidariedade que os une vai, aos poucos, se modificando. Os homens vão se especializando em suas atividades e se tornando cada vez mais interdependentes entre si e, por consequência, vão se diferenciando. As peças de relógio, antes tão semelhantes, vão ganhando novas funções e, por isso mesmo, se transmutando. O organismo deixa de ser um relógio e passa assemelhar-se com o corpo de um mamífero — cada órgão do seu corpo especializada numa função, com uma estrutura única e interdependente entre si. (DURKHEIM, 2007).

O autor via a sociedade industrial como o ápice deste processo. Altamente especializada em termos de funções e com suas células e funções postas em constante contato e interdependência entre si.

Contudo, apesar de Durkheim ver com bons olhos a solidariedade social empreendida pelo desenvolvimento e aumento da densidade social, onde os indivíduos entram em contato um com os outros e se tornam cada vez interdependentes, ele alerta para o fato de que isso pode levar ao estado de anomia, que leva ao desregramento e a disfunção completa dos órgãos do corpo social. Ou seja, a divisão mais especializada do trabalho poderia levar a individualização excessiva, o que geraria uma ruptura na coesão social. Em âmbito global, isso significaria que, tendo todas as sociedades abarcadas e equacionadas a partir das exigências da divisão internacional do trabalho, em que cada sociedade torna-se uma engrenagem deste todo maior, teria como resultante o processo de anomia, em que a solidariedade alcançada em nível mundial se esfacelaria e o processo de globalização transformaria o mundo num grande espaço de lutas, disputas e rupturas.

Durkheim defendia que a cura da anomia estaria na emergência de um poder que gerenciase todas as relações humanas, impedindo-as de entrarem em conflito e se esfacelarem. Ele defendia um Estado capaz de impedir que a solidariedade fosse rompida, um grande regulador capaz de manter o organismo social funcionando com um mínimo de estabilidade. Em nível mundial, o sociólogo do fato social provavelmente defenderia a emergência de um poder que moderasse as relações, os conflitos e impedisse as rupturas que rachassem a solidariedade mundial. Nesse sentido, o autor defenderia uma instituição reguladora destes conflitos, uma instituição de caráter global e total, soberana e coercitiva, implacável e imparcial, que gerenciase os fluxos de forças e tensões advindas da divisão mundial do trabalho.

Marx e a reprodução ampliada do capital

Vimos que a teoria de Durkheim pode explicar o processo de globalização como um englobamento das sociedades de solidariedade mais simples pelas sociedades mais complexas, criando em âmbito mundial uma divisão do trabalho internacional, onde cada região, nação e país se veria dependente um dos outros. Agora, veremos como Karl Heinrich Marx (1818 - 1883) compreende o processo de globalização do mundo a partir não de um processo alastramento de uma solidariedade mundial, mas como a expansão inexorável e impiedosa do capitalismo

moderno e do modo de vida burguês que modela todas as sociedades a sua imagem e semelhança.

Marx estava preocupado com os processos de devir histórico, quais as origens do modo de produção capitalista e quais os seus pressupostos que o fizeram tomar uma determinada configuração.

Para o autor, a época moderna era caracterizada pela emergência do modo capitalista de produção que se erigiu diante das ruínas do modo de produção feudal e diluiu todas as antigas relações baseadas no antigo direito medieval. Mas isso não significava, para o autor, que a dominação do mais forte sobre o mais fraco foi destruída. O que sobrou foi apenas o conteúdo dessa dominação. Se antes a exploração era mascarada por direitos divinos e outras ilusões. Agora, na era do capital, ela foi limpada de toda e qualquer ilusão religiosa e em seu lugar apenas deixou a exploração fria, crua e escancarada. Os homens são obrigados, deste modo, a perceber de forma completamente despudorada todo o conteúdo da dominação. Se antes os protagonistas da exploração eram a nobreza, o clero e os servos (como grupo oprimido), agora o capitalismo colocou outros atores para encenar o palco da história da humanidade: a burguesia, donos dos meios de produção, e os operários, que só podem se reproduzir enquanto venderem sua própria força de trabalho para a burguesia (MARX & ENGELS, 2003).

A compreensão da modernidade e do processo de globalização em Marx se dá a partir do entendimento da própria dinâmica do modo de produção capitalista, seus pressupostos e sua dinâmica expansionista. Globalização, segundo a perspectiva marxiana, é a expansão contínua e ininterrupta do modo de produção capitalista e do estilo de vida burguês. Todas as sociedades do globo são equacionadas, dobradas e redimensionadas para atender a dinâmica do mercado e dele fazerem parte. Por todo o mundo o modo de vida burguês, com as suas mercadorias, com a ideologia do livre mercado, da livre iniciativa e da suposta igualdade de condições enraíza-se por todas as relações sociais. Apesar das especificidades de cada cultura, povo, etnia e nação ainda se manter de alguma forma preservada, o capitalismo e a sua ideologia perfazem cada aspecto das culturas e relações. Ocorre de uma forma mais ou menos intensa a homogeneização de todas as sociedades, com o processo de intenso e extenso desenvolvimento das relações de produção capitalistas em todo o globo. Esse processo acontece de maneira tão brutal que o capital e sua ideologia tornam-se a única saída para o desenvolvimento. Modernizar-se significa entrosar-se no jogo de forças das relações capitalistas de produção em escala global. Desenvolver-se é dar condições ideais para a evolução tanto qualitativa quanto quantitativa das relações capitalistas de produção (IANNI, 2001).

Nada está a salvo do capitalismo. Tudo é modificado e redimensionado para atender a seus interesses. Tudo deve ser dobrado, desmontado e remontado de maneira a servir as intenções do mercado mundial. Todas as culturas, sociedades, relações e indivíduos passam a ser contaminados pelo gene do capital. Jogados em suas redes somos envoltos numa atmosfera sufocante e atordoadora da produção e do consumo. A mercadoria, o ímpeto consumista, a expansão da empresa capitalista para e pelo lucro fazem com que todas as relações sociais sejam constantemente modificadas e revisadas. Mesmo aqueles aspectos que pareciam tão sagrados, sólidos e invioláveis se desfazem ante a imperiosa maré reformadora do capital. Todas as tradições e valores são tocados e encantados pelo o seu poder, pela sua persuasão, pelo seu envolvimento. Para o capital, não há nada sólido o bastante que não possa ser dobrado e trazido para os seus domínios. (MARX& ENGELS, 2003)

Desde o seu surgimento no final da idade média e passando pelas fases do mercantilismo, colonialismo, imperialismo, keynesianismo e neo-liberal, que capitalismo tem uma vocação mundial, um imperativo realmente expansionista e agregador. Até na sua fase imperialista ele necessitou do estado nação e dos seus mecanismos planejadores e niveladores das sociedades como um artifício para a sua reprodução em escala intensiva e extensiva. Agora que o capital, o modo de vida burguês e o livre mercado tornaram-se uma realidade realmente global, o papel do estado nação, outrora primordial em etapas anteriores para a acumulação capitalista, torna-se secundário, ou pelo menos sua importância se relativiza. O alastramento do capitalismo em escala global fez surgir instituições que regulassem o fluxo e refluxo do capital em escala global. Tais instituições possuem tão ou mais relevância que as estados nacionais, pois suas normas estabelecidas são coercitivas em relação à maioria dos países do globo terrestre. (IANNI, 2001)

O capital por sua própria essência expansionista autoritária, se implantou em todo o globo terrestre e transforma de maneira inexorável todas as relações sociais.

Weber e o processo de racionalização do mundo

Se para Marx o processo de modernização/globalização do mundo estava diretamente ligado ao processo de alastramento do capitalismo, do mercado e estilo de vida burguês, para Weber, ao contrário, o que era latente na sociedade moderna é justamente o processo de racionalização do mundo. O autor enxergava a racionalização como o alastramento do

capitalismo racional com relação a fins, criado a partir de várias condicionantes históricas na Europa dos fins da idade média, que propiciou a emergência e hegemonia da ação racional com relação a afins em âmbito social. (IANNI, 2001).

Aqui vale uma explicação. Weber, ao contrário de Marx e Durkheim, não procurava compreender o fenômeno social a partir das estruturas que se impunham sobre a conduta dos indivíduos historicamente determinados. Ele elaborou uma abordagem que levava em conta a ação individual dos atores e construiu uma série de tipologias ideais que pudessem descrevê-las em toda a sua riqueza. Para o autor existem a ação tradicional, ação racional com respeito a valores, ação afetiva ou emocional, ação tradicional e, por ultimo, a ação racional com respeito a fins. Todas estas formas do agir e interagir social são formuladas pelos indivíduos, atores sociais, que atuam no palco da sociedade. Eles formulam suas ações, dando sentido a elas tendo em vista um fim determinado (WEBER, 2002).

Segundo Weber, com a emergência do capitalismo racionalmente orientado para o lucro, a tipo de ação social que ganhou preponderância sobre todas as outras é justamente a ação racional com relação a fins que se espalha sobre todas as camadas da vida social, resultando no processo de desencantamento do mundo e racionalizando cada aspecto de nossa vida. A vida familiar, a religião, a amizade, os relacionamentos afetivos, a visão de mundo, o trato com os amigos e com os desconhecidos, todos são rearticulados com os paradigmas da racionalidade. O mundo desencanta-se, racionaliza-se, matematiza-se e quantifica-se. Todos os aspectos que outrora pareciam invioláveis, sagrados, tomados de afetividade e devoção são permeados pela racionalidade. Implementa-se em escala global a burocratização e a dominação racional legal. Todas as ações dos homens passam a ser dominadas pelo cálculo tendo em vista o lucro.

Estes valores de racionalização, burocratização, quantificação que se formaram a partir de combinações inesperadas de fatos sociais e resultaram no capitalismo racional, enquanto uma formação típica da Europa, se espalhou pelo globo e tornou-se um valor realmente mundial que se impõe sobre outras culturas e valores de maneira realmente totalitária. Nada escapa a este processo, pois ele é onipresente e onipotente. Ele está em tudo e pode tudo com as sociedades sob sua batuta. Ele tornou-se uma verdadeira grande de ferro.

A globalização como uma realidade totalizante.

A modernidade enquanto formação social autônoma foi um fenômeno tipicamente europeu, mas com a sua vocação expansionista, englobou o mundo inteiro, tornou-se um valor,

ou um modelo de sociedade, almejado por todas as nações do planeta. Globalizou-se, portanto. Mas se antes ela era um remédio que levasse as nações, povos e estados nacionais a libertarem-se da pobreza, do subdesenvolvimento e da desigualdade social, agora ela tornou-se uma prisão do qual os homens não podem sair. Entrosar-se no campo de lutas que é a globalização é deixar-se entrar por um processo que irá redimensionar e subverter todas as tradições e valores e retirar do país sua autonomia em escolher seus próprios caminhos.

Ela virou o inverso que prometia. Compreendê-la a partir da perspectiva dos clássicos da sociologia permite situá-la dentro de amplos e complexos processos que se complementam, tencionam e sintetizam-se.

Embora sejam marcos teóricos que num primeiro momento pareçam conflitantes entre si. As visões clássicas, na verdade, complementam-se e deixam à mostra as discontinuidades da globalização.

Durkheim era otimista em relação à sociedade moderna. Via a solidariedade orgânica como um processo que, se bem controlado pelas instancias reguladoras, poderia levar os homens solidificarem os laços entre si. Provavelmente enxergaria a globalização com os mesmos olhos, como um alastramento da solidariedade entre as nações. Marx, o analista implacável do modo de produção capitalista, o militante socialista que viu de perto as contradições da sociedade moderna e da civilização industrial, sabia que os derivativos colaterais desse processo só resultariam na exportação de formas de dominação típicas do mundo burguês. O capital destruiria todas as tradições e faria a aragem do terreno social para a germinação de mais capital e mais dominação. Weber, um pouco mais próximo do ceticismo marxiano, percebeu que este capitalismo era eivado de uma racionalidade implacável, que se iniciara com as seitas protestantes e rapidamente deslocou-se destas para ganhar o mundo inteiro. O desencantamento torna-se uma epidemia sem cura e se espalha por todo o mundo, contaminando todas as sociedades e indivíduos, transformando-os em autômatos, zumbis da racionalização, bárbaros semi treinados, sensualistas sem emoção e especialistas sem coração.

O processo de globalização/modernização é um processo dialético, racional e estrutural. Nele enceram tanto as potencialidades da humanidade quanto suas consequências obscuras e imprevisíveis. Ao mesmo tempo que a globalização possibilita e integração dos povos, ela também mostra que esta integração pode se dar de maneira desigual e subalterna, seguida da ameaça de uma transformação sem volta de tudo o que somos.

A globalização é um fato social total, um monstro descontrolado e uma nova dominação criada pela e para a própria humanidade.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das letras, 2007.

DURKHEIM, Emile. **Da Divisão do Trabalho Social**, (São Paulo, Companhia das Letras, 2007).

FERNANDES, Florestan. **Sociedades de classes e subdesenvolvimento**. São Paulo. Global, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade** /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. -São Paulo: Editora UNESP, 1991.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

MARX & ENGELS, **Manifesto do Partido Comunista**. Martin Claret. 2003.

SHELLEY, Mary Wollstonecraft. **Frankstein**. Free e-books. Acessado em 25/10/2012. às 19:00 pm. Link: <http://www.planetebook.com/ebooks/frankenstein.pdf>

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, Martin Claret, 2007.

_____. **M. Ensaios de sociologia**. GERTH, H. H; MILLS C. W. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.